

## A PELE COMO MARCADOR DO ETIQUETAMENTO

José Eduardo Galvão\*

O romance *O Averso da Pele* (2020), de Jeferson Tenório, apresenta ao leitor uma profunda reflexão sobre a questão racial no Brasil. Por meio do narrador onisciente, Pedro, que a todo momento conversa com as memórias do pai Henrique, ou dela se apropria, a obra percorre os meandros das discriminações raciais nos mais variados espaços e relações sociais: família; escola e creche; locais de trabalho; ruas, bares e restaurantes; agentes estatais; relações afetivas; casamento.

Se alguém tem dúvidas de como o racismo estrutural se manifesta no cotidiano de carnes, ossos e mentes, eis a leitura indispensável para entender a condição dos seres humanos negros e pardos na sociedade brasileira. Todos os personagens negros ou pardos, de alguma maneira, vivenciam o racismo. Para o leitor branco mais uma lição necessária para entender a seriedade da questão racial na contemporaneidade; para o preto, pardo e todos os que sofrem discriminação racial em maior ou menor grau, trata-se de um livro de tomada de consciência, de identidade e, por que não, de conforto. Talvez, este feito se justifique porque Tenório demonstre a potência da cor da pele enquanto marcador social.

Em um ritmo de histórias cruzadas, tempos que vão e vem, o autor nos brinda com uma trama guiada pelo elemento da lembrança, a qual ressalta as individualidades dos personagens atrás da pele, algo que o autor faz questão de ressaltar: “As pessoas que te mataram ainda estão soltas. E não sei por quanto tempo elas continuarão livres. Mas elas nunca saberão nada sobre o que você tinha antes da pele” (p.184).

Sob este prisma, o sentido cativante do romance está na profundidade dos problemas que o livro traz a partir da questão racial: raça e gênero; raça e educação familiar; precariedade do sistema de ensino escolar e o reflexo sobre a população negra; relacionamentos (os mais variados possíveis) entre brancos e negros; iden-

\*Bacharel em Ciências Sociais (Unicamp), Mestre em Ciência Política (Unicamp), graduando em Ciência Jurídicas e Sociais (UFRGS). Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3147631377850922>. E-mail: [zeedugalvao@gmail.com](mailto:zeedugalvao@gmail.com).

**Justificativa:** A obra aborda a vida de um professor negro e sua trajetória de enfrentamento com a lógica racista da sociedade brasileira, em particular, a gaúcha. Considerando que, ao longo do romance, as distintas formas de violência aparecem nas relações sociais, é possível estabelecer um diálogo crítico do texto com abordagens próprias da Criminologia.



tidades que se constroem pela cor da pele; violência que se funda e se reproduz a partir da cor da pele; sentimentos por trás da pele; dentre outros que tornam objetivo a real compreensão do que é o racismo estrutural. Dessa maneira, o romance chama para a reflexão de temáticas sociais mescladas com as questões individuais de cada personagem, em particular, os personagens Henrique, Pedro e a mãe Martha.

Com efeito, convém destacar possíveis conexões do romance com perspectivas do pensamento criminológico. Um exercício possível, na medida em que Jeferson Tenório não perde de vista um dos alicerces do racismo estrutural, qual seja: a violência. Sobre isso, vale destacar que a criminologia, dentre outras possibilidades, busca compreender formas de reprodução da violência e dos processos de criminalização de comportamentos sociais. Perspectivas que saltam a cada página de *O Averso da Pele*.

Os personagens negros, em diversas ocasiões, são abordados pela polícia, algemados, supostamente confundidos com bandidos, acossados de espaços que não deveriam estar e vivenciados, em suma, situações surreais provocadas pela cor da pele. Sobre isso, ilustrativamente, uma passagem da obra expõe o caso de uma descrição de um suspeito de assaltar um banco, o qual é confirmado como sendo um homem branco e, na dinâmica da percepção racista dos agentes do Estado, é o homem negro o sujeito abordado, sob a justificativa de se estar em busca de um assaltante. Algo absolutamente sem nexos e desprovido de racionalidade lógica para uma análise apenas causal, porém, nada mais comum nos centros urbanos brasileiros, à luz de um olhar sociológico. Trata-se do que a Teoria do Labeling Approach (Baratta, 1999) identifica como *etiquetamento* social. Esta perspectiva busca compreender os efeitos da definição do delinquente sobre o indivíduo, de modo que, neste caso construído por Tenório, o sistema penal previamente consolidado o típico suspeito, o negro, criando uma meta-regra que já dita os comportamentos. Principalmente, se o indivíduo negro já foi anteriormente alvo de abordagem policial. Ou seja, a definição do órgão oficial é que constrói uma violência prévia cotidianamente reproduzida sobre a população negra. Não distante do aparelho repressivo estatal, o advogado Bruno Fragoso chega a manifestar para Henrique que não gosta de negros por não confiar neles. O reflexo deste *etiquetamento* também aparece nos locais que os olhos da sociedade autoriza ou não a permanência de negros.

Vale frisar que, na obra, personagens são enxotados de determinados bairros de classe média branca e da elite: *“Você ficou ali na esquina parado, ainda sob o olhar de gente desconfiada. Porque um suspeito é sempre um suspeito, mesmo que a polícia te libere e diga bom-dia e tenha-um-bom-trabalho”* (p. 143). Assim,



apesar do discurso da igualdade que informa o direito na sociedade republicana, há uma perpetuação de reprodução da realidade social desigual. Os teóricos da Teoria dos Conflitos atribuem boa parte dessa responsabilidade a quem está no poder, pois a criminalidade é um *status* atribuído por quem tem poder de definição. Em particular, *O Averso da Pele* ressalta de que forma a cor da pele determina o modo de estar em espaços públicos. Em diversas passagens, brancos não sofrem o mesmo tratamento repressivo e violento, mesmo sob as mesmas condições que os negros.

Vale destacar que o aspecto simbólico deste *etiquetamento* também perpetua no vocabulário: negão, neguim, mulatinha, essa gente, gente desse tipo; moreninha forte igual a você; ou seja, N variáveis que buscam previamente suspeitar dos negros e das negras, reforçando uma violência simbólico-discursiva sustentada pelo sistema normativo da sociedade. Assim, não só os órgãos de controle (a polícia) é posta em xeque, mas a própria sociedade branca elitista, de origem escravocrata. Elementos que são expandidos nos objetos de estudos da criminologia crítica. O ponto em comum: a violência nas relações sociais (nas ruas, nas instituições, nas famílias, no vocabulário).

Também convém ressaltar a abordagem foucaultiana sobre a disciplina e o controle. Em *Vigiar e Punir* (2014), Michel Foucault explica como o poder de controlar, disciplinar e punir passou a fazer parte de diversas instâncias e instituições do cotidiano, ditando comportamentos. Em muitos sentidos, Tenório confirma Foucault porque não deixa de chamar a atenção para a disciplina a que os negros estão submetidos em meio ao racismo estrutural: o trabalho doméstico; o “dever” de trabalhar em postos mais rebaixados; as posturas desde a infância para evitar suspeitas; a precariedade de acesso à vida digna. Sobre o elemento comportamental, por exemplo, há uma passagem no romance sobre as orientações que meninos negros recebem na infância: “*não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Não saia sem documentos. Não seja um vagabundo, tenha sempre um emprego*” (p. 88).

Por fim, ainda é possível traçar um paralelo com as Escola Positivistas, no que toca o aspecto biológico do racismo e da ideia do criminoso identificado por traços da fisionomia. Não para desenvolver uma crítica ao racismo estrutural, mas para lembrar da origem do problema. Isso porque, é a partir do estudo das teorias racistas do século XVIII e XIX que Henrique, influenciado pela identidade que construiu junto ao professor Oliveira, irá entender o embuste da ideologia que vem se



construído há séculos. Na prática, os personagens descobrem o que os críticos da criminologia indicam como Ideologia da Defesa Social, aquela preocupada em manter os oprimidos e explorados no seu devido lugar, longe de restaurantes, do conhecimento, do poder, enfim, do desfrute da dignidade humana.

## REFERÊNCIAS

BARATTA, Alessandro. Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal. Rio de Janeiro: Ed. Revan. 1999.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir – nascimento da prisão. Rio de Janeiro: editora vozes. 2014.

TENÓRIO, Jeferson. O Averso da Pele. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

